



# Relatório do Evento - Washington-Brasília sob Pressão: Diplomacia, Tarifas e Eleições 2026

Realização: 10/09/2025

Local: CASA COP 30, Rio de Janeiro

## **CONTEXTO GERAL**

O segundo mandato de Donald Trump aprofunda a lógica de confrontação no sistema internacional. A Casa Branca consolidou uma estratégia baseada em quatro pilares: (i) tarifas generalizadas para incentivar realocação industrial; (ii) desoneração tributária e desregulação para atrair investimentos; (iii) restrição migratória para aumentar o nível de empregos e salários internos; e (iv) retórica política de enfrentamento ao “*establishment* globalista”.

Esse modelo amplia a volatilidade do comércio global. As tarifas deixaram de ser exceção e se tornam mecanismo de barganha e arma geopolítica, criando incerteza sobre cadeias produtivas. A ausência de previsibilidade tarifária é um desafio maior que o câmbio volátil, pois não há instrumentos de *hedge* ou seguros de mercado para tarifas.

A relação EUA-China, embora tensa, entrou em fase de “interdependência armada”: ambos reconhecem que rupturas drásticas em minerais críticos, semicondutores ou cadeias de manufatura não são sustentáveis. Ainda assim, o uso chinês de licenças para minerais estratégicos surpreendeu os Estados Unidos e mostrou que a China possui capacidade crível de retaliação.

Para os aliados, inclusive o Brasil, o sinal é claro: os EUA aplicam tarifas e sanções não apenas a adversários estratégicos, mas também a parceiros próximos, quando percebem ganhos eleitorais domésticos.

# CEBRI

Canadá, Japão e Coreia do Sul já cederam em negociações, demonstrando o peso da pressão americana.

## IMPACTOS ECONÔMICOS PARA O BRASIL

O Brasil é afetado de forma desigual pela nova onda tarifária norte-americana. A alíquota de 50% aplicada sobre produtos-chave, como siderurgia, madeira e móveis, pressiona diretamente setores fortemente dependentes do mercado dos EUA, sem que existam alternativas imediatas de diversificação comercial. Essa situação expõe a vulnerabilidade estrutural da indústria brasileira, cuja baixa integração em cadeias globais dificulta o redirecionamento das exportações para outros mercados. Algumas exceções, como carnes e celulose, apresentam maior resiliência, mas o núcleo industrial sofre impactos imediatos e profundos.

A forte dependência de insumos importados dos EUA gera custos adicionais, ampliando pressões sobre cadeias domésticas e reduzindo margens empresariais. O risco de agravamento desse quadro se intensifica diante da possibilidade de sanções financeiras, como a inclusão do Banco do Brasil ou de empresas brasileiras em listas restritivas associadas a investigações de crime organizado, o que ampliaria de forma significativa a incerteza no sistema financeiro nacional.

Embora, em termos macroeconômicos, o efeito possa parecer limitado, já que os EUA respondem por cerca de 12% das exportações brasileiras, o impacto microeconômico é sensível. Setores altamente dependentes das vendas para o mercado norte-americano perdem competitividade de forma imediata, enquanto empresas com baixa diversificação enfrentam maiores dificuldades para absorver o choque tarifário e manter sustentabilidade no curto prazo.

## DINÂMICA POLÍTICA E DIPLOMÁTICA

A administração Trump enxerga paralelos diretos entre sua trajetória e a de Jair Bolsonaro, reforçando a percepção de que a Justiça brasileira age de forma “enviesada”. Essa identificação pessoal adiciona viés ideológico à relação bilateral.

1. **Cautela presidencial:** Lula evita contato direto com Trump, com receio dos riscos de imagem de subordinação ou de imposição de exigências consideradas inegociáveis, como a revisão do processo contra Bolsonaro ou a aceitação de regras unilaterais sobre soberania digital.
2. **Canais alternativos de diálogo:** a manutenção das conversas bilaterais ocorre principalmente por meio do vice-presidente

Geraldo Alckmin. Apesar do esforço brasileiro em preservar pontes diplomáticas, a Casa Branca tem mostrado baixa disposição em negociar além dos temas considerados prioritários para Washington.

3. **Estudos de retaliação:** em resposta inicial, o Itamaraty acionou a Lei de Retaliação e solicitou à Camex a elaboração de cenários de contramedidas. Entre as opções em avaliação estão:
  - i) aplicação de tarifas específicas contra setores norte-americanos;
  - ii) restrições a empresas instaladas no Brasil;
  - iii) medidas relacionadas à propriedade intelectual;

Por ora, as iniciativas permanecem em estágio exploratório.

4. **Risco de escalada assimétrica:** a maior vulnerabilidade está na possibilidade de Washington ampliar as sanções para ativos sensíveis, como o Banco do Brasil ou setores estratégicos de *commodities*. Caso isso ocorra, a pressão interna sobre o governo para responder de forma concreta tende a crescer, aumentando o risco de um ciclo de medidas e contramedidas que o Brasil não teria capacidade de sustentar no médio prazo.

## CENÁRIO ELEITORAL 2026

O ciclo eleitoral brasileiro de 2026 se desenha sob forte incerteza, condicionado tanto pela dinâmica doméstica quanto pelas pressões externas. A inelegibilidade do ex-presidente parece irreversível, uma vez que a Suprema Corte fechou as portas para qualquer anistia plena.

Ainda assim, Bolsonaro preserva um capital político expressivo, estimado entre 15% e 20% do eleitorado, com base nas pesquisas de opinião de declaração espontânea dos votos, o que garante a ele influência decisiva sobre a oposição. Sua estratégia, ao que tudo indica, será transferir votos a um sucessor que demonstre lealdade absoluta a ele e à sua agenda, especialmente no que se refere à contestação do Judiciário e à defesa de medidas que poderiam beneficiá-lo futuramente.

Nesse contexto, há dois cenários possíveis. No primeiro, o governador Tarcísio de Freitas emerge como herdeiro natural do bolsonarismo. Ele tem se movimentado intensamente em Brasília, buscando articulação com partidos, lideranças parlamentares e manifestações de rua, como as de 7 de setembro, para consolidar seu papel como candidato viável da direita. No segundo, pairam dúvidas sobre se a família Bolsonaro

# CEBRI

endossará integralmente seu nome, por isso, buscariam um aliado interno ao núcleo familiar, com manutenção da disputa sob controle direto da família, mesmo diante de eventual inelegibilidade de figuras como Eduardo Bolsonaro.

Do outro lado, o presidente Lula chega ao pleito com índices de aprovação próximos a 45%. Em termos comparativos internacionais, esse patamar é considerado competitivo, garantindo condições de aproximadamente 70% de chances de reeleição. Contudo, fatores como o desgaste acumulado de um líder de 79 anos (assumiria um eventual quarto mandato com 81 anos) a persistência da polarização política e o aumento da preocupação com a segurança pública fragilizam a previsibilidade do resultado.

A incerteza eleitoral se agrava pelo peso crescente da política externa no debate interno. A percepção de interferência dos Estados Unidos, seja por meio de tarifas que atingem setores estratégicos ou por pressões relacionadas ao processo judicial de Bolsonaro, tende a alimentar narrativas de soberania violada.

## **RECOMENDAÇÕES ESTRATÉGICAS**

### **Diplomacia de Contenção**

- Evitar respostas precipitadas ou confrontos diretos com os EUA, priorizando a moderação;
- Priorizar o diálogo direto com Trump, que valoriza líderes que abrem esse canal com a Casa Branca;
- Fortalecer canais diplomáticos e ministeriais para manter interlocução mesmo em cenários de impasse;
- Preservar margem de manobra política ao não reduzir a relação bilateral ao tema Bolsonaro.

### **Diversificação de Vetores Externos**

- Avançar em acordos bilaterais e regionais (México, Japão, Canadá, Coreia do Sul) para reduzir dependência dos EUA;
- Abrir novos mercados para setores mais vulneráveis às sanções tarifárias;
- Promover integração gradual na América Latina sem acirrar tensões políticas regionais.

### **Estratégia Escalonada de Resposta**

- Utilizar a Lei de Reciprocidade como instrumento de dissuasão, com medidas progressivas (tarifas seletivas, restrições financeiras, propriedade intelectual);

## **CEBRI**

- Iniciar com ações simbólicas de baixo custo e reservar instrumentos mais duros para cenários de escalada;
- Preparar contramedidas específicas em caso de sanções contra ativos críticos como o Banco do Brasil.

### **Autonomia e Projeção Global**

- Reforçar a atuação em organismos multilaterais para sustentar previsibilidade e estabilidade do comércio;
- Consolidar a imagem do Brasil como ator responsável e defensor do multilateralismo;
- Avançar em políticas de médio prazo que ampliem competitividade e reduzam vulnerabilidades externas.